



O menino que vê o mundo

Elaine Tavares¹

Resumo

Breve crônica sobre o livro “O menino que vê o mundo”, de Waldir Rampinelli.

Palavras chave: Literatura, Imigração, História.

El niño que mira el mundo

Resumen

Pequeña crónica acerca del libro “El niño que mira el mundo”, de Waldir Rampinelli.

Palabras clave: Literatura, Inmigración, Historia.

The boy who sees the world

Summary

Brief chronicle about the book “The boy who sees the world”, by Waldir Rampinelli.

Key words: Literature, Immigration, History.

Esse trabalho é a primeira incursão do professor Waldir José Rampinelli no mundo da literatura. Acostumado a manejar, cotidianamente, a história a contrapelo, nesse livro ele se aventura também na ficção. Mas, como não poderia deixar de ser, Waldir Rampinelli se vale da história para dar vida a um rico mosaico da vida ordinária numa pequena cidade de imigrantes italianos em Santa Catarina. O lugar é fictício no livro, mas ele existe na vida real, e muito do que é contado foi o que sobreviveu nas retinas do menino que ele foi, vivendo nessa cidade com sua família por toda sua infância.

O livro é eivado de belezas e assombramentos. Uma cidade e um povo inteiro vistos pelos olhos de um menino, na sua pureza e nas suas perplexidades. O cenário poderia ser um lugar qualquer, desses que foram sendo construídos no Brasil a partir das mãos imigrantes, e as histórias poderiam ser as histórias de qualquer lugar, nas mesmas condições. Mas, não é. O

¹Jornalista, Doutora em Serviço Social pela UFSC e integrante do Instituto de Estudos Latino-Americanos da UFSC. Email: eteia8@gmail.com

que assoma nas páginas é o retrato da vida vivida num pequeno pedaço de chão, real, no sul de Santa Catarina.

É um relato singular, fruto das memórias do gurizinho que, ávido, perscrutava a vida, procurando entender a realidade que o cercava. Mas, apesar de o livro expor as lembranças desse garoto em particular, o relato nos toca de maneira universal, porque está repleto da dura, espantosa e, por vezes, bela humanidade. Por isso, a história do garotinho nos arrebatava. Porque ela pode ser também a nossa história, com todas as tramas e dramas da vida que se estende no interior do Brasil.

Caminhando pelo texto vamos encontrar a avó amorosa, a bucólica vida no campo, as funções da igreja, o pai trabalhador, o comércio, a mãe sem ternura, a realidade sem tintas de uma comunidade que se encrava num país estrangeiro e que se nega a uma abertura amorosa para o diferente. O retrato em preto e branco de um lugar onde o racismo se expressa sem medo e o preconceito contra o que não se entende cresce, ocupa a vida e provoca a morte. Impossível não se assombrar com a indiferença no trato com os “brasileiros” ou a exclusão de uma mulher que, roubada pelos índios, volta para a casa tempos depois e é deixada no canto, punida por ter sido um dia sequestrada. Absurdos que se fizeram no passado, mas que ainda acontecem por aí.

A Nova Belluno - cidade onde se passa a história - que espanta o menino do texto é a nossa própria cidade, nossa aldeia. Aquela que finca raízes em nós e que de alguma forma nos determina. Por isso, o ato de deixá-la é necessário para nossa própria libertação. O guri que sobe no trem, com uma pequena mala, rumo ao não-sabido, somos todos nós, tentando encontrar nosso lugar no mundo. E, como ele, caminhamos, esperando mudanças para, no final da jornada, ainda voltarmos ao mesmo lugar que nos pariu. Só que desta vez, não mais com assombramento, e sim com a consciência crítica.

O livro, editado pela Editora Insular, conta ainda com a parceira do jornalista e cartunista Frank Maia, que assina as belíssimas ilustrações, bem como a capa do livro.

É uma beleza.